

Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuações e resistência

RESUMO

Nathaly Cristina Fernandes

E-mail:

nathalycrfernandes@gmail.com

Fundação Educacional Jandaia do

Sul, Jandaia do Sul, Paraná, Brasil

O movimento feminista negro passou ao longo dos anos, por diversas transformações, alcançando novas formas de atuações e de resistência na contemporaneidade. Algumas das ferramentas de extrema importância que contribuíram para os avanços conquistados até então, foram o uso da Internet e das redes sociais. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstraram que as plataformas digitais têm criado uma rede de informações muito ampla, possibilitando aos usuários compartilhamentos de vivências, e com isso, tem auxiliado o processo de visibilidade dos movimentos sociais, entre eles, o movimento feminista negro. Os aportes que embasaram nossas reflexões foram referenciais que versam sobre a temática elencada. Nosso estudo intencionou promover reflexões, em especial à comunidade acadêmica, a qual possui espaço privilegiado de visibilidade às minorias e apresentar novas possibilidades de atuações e resistência das mulheres negras no espaço virtual. Pretendeu destacar a potencialidade da internet enquanto aliada para o ativismo digital e incentivar cada vez mais o seu uso na luta por respeito às diferenças individuais e dignidade humana.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Espaço virtual. Feminismo negro. Visibilidade.

INTRODUÇÃO

O movimento feminista negro passou por diversas transformações ao longo dos anos, alcançando novas formas de atuações e de resistência. Uma das ferramentas de grande influência utilizada nas últimas décadas foram as redes sociais e o uso da Internet, que vem auxiliando na conquista por visibilidade deste público. O interesse pelo tema estudado surgiu a partir de questionamentos acerca do feminismo negro e sua relação com o espaço virtual.

Problematizou-se o assunto levantando a seguinte questão norteadora: “Como o feminismo negro se apresenta no espaço virtual?”. Este estudo se justificava por contribuir com as discussões acerca da temática e auxiliar na compreensão sobre a importância do uso do espaço virtual para maior visibilidade e empoderamento deste público. Este artigo teve como objetivo promover reflexões sobre o feminismo negro no espaço virtual e apresentar novas facetas de atuações e de resistência das mulheres negras.

Pretende-se com esta pesquisa, aprofundar o conhecimento sobre a temática elencada, especialmente no âmbito acadêmico, o qual possui espaço privilegiado de visibilidade às minorias. Demonstra relevância social, pois oportuniza reflexão sobre o tema, proporciona visibilidade ao movimento feminista negro e apresenta a potencialidade da internet enquanto meio transformador de realidades.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica. Foram realizados estudos em diversas fontes científicas, entre elas: livros, artigos e dissertações que versam sobre a temática em questão.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

Mesmo participando de movimentos sociais, como o movimento negro e o feminista, as mulheres negras começaram a perceber que ainda estavam à margem das desigualdades sócio raciais, uma vez que suas particularidades eram ignoradas. A ideia do “ser mulher” foi tratada de forma universalizada pelo movimento feminista hegemônico e o movimento negro acabava por reproduzir o machismo. Esse fato contribuiu para que as mulheres negras passassem a se reunir e discutir suas especificidades, as quais não eram debatidas nos demais movimentos.

Como nos apresenta Sueli Carneiro, no artigo ‘Mulheres em movimento’ (2003), o feminismo brasileiro por muito tempo manteve presente uma visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, não reconhecendo as diferenças e desigualdades do universo feminino. Com isso, acabava por silenciar as vozes e corpos daquelas mulheres vítimas de outras formas de opressão, além do sexismo. Mulheres essas, que permaneciam invisibilizadas e silenciadas (CARNEIRO, 2003 *apud* ROCHA, 2017).

As mulheres negras sofriam o racismo e também o machismo que muitas vezes eram praticados por seus próprios parceiros, integrantes do movimento negro. Segundo Gomes (2008, nº de serie: 160 *apud* CARNEIRO, 2003) as mulheres

negras passaram a questionar as bandeiras de lutas que as feministas levantavam, como sendo de todas as mulheres, sem levar em consideração as particularidades de cada grupo. Ou seja, as mulheres negras tiveram que enfrentar desafios dentro do próprio movimento feminista, apontando desigualdades que o racismo e a discriminação racial produziam, especialmente entre negras e brancas no Brasil.

Vale destacar que, a sobreposição de dois ou mais marcadores sociais é denominada interseccionalidade. Ela nos permite capturar as consequências de diferentes formas de discriminação (CRENSHAW, 2004). É preciso levar em consideração essas imbricações, pois elas consideram contextos e demandas diversas. Essas intersecções contribuem para o acentuamento de opressão e vulnerabilidade particular de diferentes grupos.

Encontramos em Malta; Oliveira (2016) que o feminismo negro norte-americano surgiu, na perspectiva de organização e resistência, quando teóricas e militantes afrodescendentes como Patricia Hill Collins, bell hooks, Kimberle Crenshaw e Audre Lorde pontuaram que o feminismo tradicional não conseguia responder as demandas e anseios das mulheres negras porque reduzia a categoria mulher a uma identidade única e fixa. As mulheres negras apontavam a interseccionalidade como uma estratégia necessária para uma melhor compreensão do entrelaçamento entre os múltiplos marcadores sociais de identidades - de gênero, racial, de classe, de orientação sexual etc. - passíveis de serem assumidas por um indivíduo ou grupo.

A construção do feminismo negro no Brasil foi semelhante ao norte-americano, em conformidade com Malta; Oliveira (2016) no movimento negro brasileiro, nas décadas de 1970 e 1980, em recorrência do machismo em seu interior predominava as posições dos homens, os mesmos não entendiam que as bandeiras delas deveriam ser defendidas pelo coletivo. Em função disto, as questões referentes à vida da mulher negra eram preteridas por questões gerais. Dito de outra forma, o antirracismo não garantia a ausência de machismo no interior das organizações, e as pautas das mulheres negras permaneciam invisibilizadas em nome de uma luta que via mulheres e homens negros de forma homogênea. Contudo, gradativamente, elas passaram a fazer reivindicações.

Ribeiro (2016) aponta que, historicamente a categoria mulher foi pensada de forma universal hegemônica, ou seja, se discutia/ repensava sobre o papel da mulher na sociedade, porém excluindo-as destas discussões, invisibilizando sua existência. Esse aspecto apontava para a necessidade de se pensar em outras possibilidades do que era “ser mulher”. Veja no trecho abaixo, o apelo de Sojourner Truth uma das precursoras do feminismo negro norte-americano, discurso proferido na Convenção dos Direitos da Mulher em 1851:

Aquele homem lá diz que uma mulher precisa ser ajudada ao entrar em carruagens, e levantada sobre as valas, e ficar nos melhores lugares onde quer que vá. Ninguém me ajuda em lugar nenhum! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço. Eu arei, eu plantei e eu recolhi tudo para os celeiros. E nenhum homem pode me auxiliar. E eu não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem (...) e suportar o chicote tão bem quanto! E eu não sou uma mulher? Eu dei à luz crianças e vi a maior parte delas ser vendida como escravas. E quando eu chorei com o sofrimento de uma mãe, ninguém além de Jesus

me ouviu. E eu não sou uma mulher? (SOJOURNER TRUTH *in* BRAH & PHOENIX, 2004, p. 277 *apud* HENNING, 2015, 104-105)

Nesse discurso Truth (1851 *apud* RIBEIRO, 2016) anunciou como a situação da mulher negra era radicalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas apenas “pessoas/seres humanos”. A mulher negra, ao perceber a especificidade de sua condição, buscou segundo Carneiro (2003 *apud* ROCHA, 2017), delimitar sua identidade a partir da experiência vivida com o racismo. Neste sentido, a autora cunhou a expressão “enegrecer o feminismo”.

Como as mulheres negras se encontravam em desvantagem (tanto no movimento feminista como no movimento negro), sua participação no movimento feminista contribuiu para trazer à consciência que, além das discussões de gênero era fundamental fazer um recorte de raça. Percebemos, portanto a importância e urgência em problematizar o movimento feminista universal que se construiu e se legitimou de modo hegemônico e excludente.

A trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista nacional revelou a insuficiência prático-teórica e política do feminismo para integrar as diferenças multirraciais e pluriculturais existentes: o princípio de ‘enegrecer o feminismo’. A questão de gênero das mulheres negras possui demandas específicas, que não podem ser tratadas exclusivamente pela categoria “gênero” sem levar em conta as particularidades dessas mulheres. (MOURA; RODRIGUES; GODINHO, 2013)

Segundo Rocha (2017) uma das novas formas de atuação do movimento feminista negro tem sido por meio da internet e das redes sociais. Elas têm facilitado o acesso à informação e a interação entre pessoas, mesmo que desconhecidas, e isso tem contribuído para que mais mulheres entendam e se identifiquem com o feminismo. Lemos (2009) enfatiza que as novas tecnologias, bem como suas ferramentas de comunicação e interação, fornecem ao feminismo a possibilidade da criação e ampliação de narrativas que contestam os discursos dominantes, permitindo assim, o surgimento de infinitas e múltiplas subjetividades.

A apropriação das mídias digitais é vista como estratégia de emancipação e resistência, pois produzem conhecimentos e espalham informações, que auxiliam na desconstrução do discurso racializado, possibilitando a discussão sobre pautas relevantes às mulheres negras. Rocha (2017) frisa que as mulheres negras frente ao processo de exclusão tiveram como agravante o racismo e a discriminação de gênero.

Pinto; Oliveira; Silva (2017) apresentam em seu estudo que uma das estratégias de utilização das novas mídias, principalmente a Internet, é a prática do ciberativismo. Ele vem modificando a atuação dos movimentos sociais a partir de ações articuladas por sujeitos sociais com interesses comuns, que integram uma sociedade em rede.

Esses mesmos autores (2017) apontam que a partir da atuação de grupos na Internet, do ativismo em rede ou ciberativismo, torna-se possível ampliar as reivindicações e difundi-las, construir e compartilhar informações, incentivar discussões, além de organizar ações online e *offline* em prol de uma causa. O

ciberativismo segundo pinto; Oliveira; Silva (2017) possibilita ao oprimido o papel de emissor de suas demandas, interesses e lutas.

Segundo Oliveira (2016) foi negado historicamente às mulheres negras à oportunidade de contar a própria história, de falar por si, os livros estudados nas escolas em aulas de história trazem o ponto de vista e perspectiva do branco colonizador, reflexo da educação de uma sociedade machista e racista, que ofertou aos negros papéis subalternizados na sociedade. Hoje em dia, por meios virtuais: celebridades, *youtubers*, e outras pensadoras negras, passaram a falar sobre a luta do feminismo negro e sobre seu próprio empoderamento.

O advento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) trouxe novas possibilidades de expressão política às mulheres na medida em que permitiu a transposição de barreiras geográficas e interconectou espaços antes nunca estimados.

A internet hoje pode ser considerada parte significativa da maneira como a sociedade interage e se relaciona. Por meio da Internet é possível realizar inúmeras tarefas e atividades, para além da comunicação. A popularização da internet e disseminação do seu uso através das políticas de inclusão digital no Brasil tem facilitado o acesso de milhares de pessoas, não apenas pela utilização de computadores, mas também através da conexão pelos telefones inteligentes e diversos dispositivos eletrônicos como tablets, Ipads, e etc que fazem com que cada vez mais pessoas estejam ingressando neste espaço. (TARDIVO; BIZELLI, 2015, s/p)

Segundo Martinez (2017) o feminismo negro tem se debruçado na internet sobre pautas específicas da população negra, como: valorização das religiões de matriz africana, intolerância religiosa, mercado de trabalho, relacionamentos inter-raciais, relações afetivo-amorosas de mulheres negras, padrões estéticos femininos, representatividade dos negros na mídia, impacto da violência cotidiana na população negra, entre outros.

As mulheres negras mais jovens vêm se inserindo cada vez mais na realidade virtual, fazendo ecoar o discurso do feminismo negro pelas redes. Sites como: Geledés, Blogueiras Negras, páginas pessoais de escritoras como Djamila Ribeiro, Joice Berth, Carla Akotirene e influenciadoras digitais como Nátaly Neri, Gabi Oliveira, Ana Paula Xongani, Monique Evelle, dentre muitas outras, provocam descentralização de conhecimento através da divulgação e repercussão de saberes.

Percebemos então que a apropriação das mulheres negras pelo espaço cibernético amplia e reverbera as vozes que foram historicamente negligenciadas e silenciadas. Utilizar a ofensa sofrida, e a partir dela, levar às pessoas a compreenderem como a estrutura racializada da sociedade perpetua violências, é uma forma de abrir caminhos para novas frentes de disputas e combates (ROCHA, 2017).

Podemos perceber que se torna cada vez mais comum na contemporaneidade, encontrarmos materiais lançados pelas mídias que valorizam a estética negra, tutoriais de maquiagem, uso do cabelo natural, dentre outros. Tudo isso está profundamente marcado por posicionamentos políticos quanto a

outro lugar que a população negra almeja ocupar na sociedade brasileira, que não esteja marcado pela subalternidade.

Os *blogs*, as redes sociais, a descentralização da produção de conteúdos promovida pela *web 2.0* abriu caminho para que as feministas negras criassem uma ruptura com o racismo epistêmico e a ausência de representações positivas de negros e negras na mídia que impactam negativamente as subjetividades e autoestima da população negra. (MALTA; OLIVEIRA, 2016)

Em outras palavras, a internet propicia às mulheres negras uma ferramenta onde a escrita se torna um ato político e contribui para que elas contem suas próprias histórias, dando visibilidade à sua causa, fortalecendo suas reivindicações e desconstruindo o discurso racista, sexista e classista. Vale lembrar que:

As mídias sociais se tornaram instrumentos de produção e difusão de ideias, mas também podem servir como espaço de ataques e ameaças, uma vez que a internet ecoa debates, tanto online quanto off-line. Assim sendo, ser sujeito nas mídias móveis reflete um processo de comunicação, de relacionamentos, mas também um processo político. (COELHO, 2016, p. 219)

Vale destacar, portanto, segundo Malta; Oliveira (2016) que o espaço virtual o qual tem sido fundamental para criar lugares de resistência para as mulheres negras, também é um ambiente onde o racismo tem ecoado sua voz opressora e discriminatória.

Algumas páginas do *Facebook*, como “Não Me Kahlo” (1.241.083 mil curtidas), “Moça, você é machista” (821.441 mil curtidas), “Empodere duas mulheres” (1.137.817 mil curtidas) e “Think Olga” (178 mil curtidas), “Blogueiras Negras” (224.819 mil curtidas); Geledés Instituto da Mulher Negra (660.353 mil curtidas) elevam as vozes das mulheres negras e ultrapassam o cenário digital, incidindo na vida real. Esse ativismo virtual tem auxiliado a modificar o cenário das relações de gênero e raciais dentro e fora do ambiente virtual, gerando através da mídia alternativa: uma provocação, centros de debate e troca de informações. As redes sociais, segundo Barbosa (2016, s/p) “auxiliam na articulação entre diversos grupos de feministas negras e jovens mulheres aumentando o alcance de suas vozes pela construção de uma nova maneira de se pensar a realidade do Brasil e do feminismo.”

Segundo Lima (2017) as feministas negras, em atuação na *web* vêm também conseguindo, por meio das plataformas digitais, que a grande mídia dê maior atenção às questões raciais e de gênero. Um exemplo recente, se encontra na mudança da vinheta da personagem: “Globeleza” apresentada na Rede Globo de televisão, que trouxe uma mulher negra menos exposta à nudez e acompanhada de outros dançarinos, tirando finalmente o foco do corpo da mulher negra, visto apenas de maneira erotizada e sexualizada. Essa recente mudança foi influenciada pelas críticas protagonizadas nas redes sociais.

A autora acima citada destaca que, embora a ação de feministas negras na *web*, tenha se apresentado de forma otimista, faz-se necessário ressaltar, que não se menospreza o fato de que o alcance da internet e da atuação política nesse ambiente ainda são restritas devido às limitações de acesso à rede, e mesmo à falta ou insuficiência de escolarização e de letramento digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo, pudemos constatar que as mulheres negras se viram “obrigadas” a construir espaços próprios de lutas, ao perceberem a ausência de apoio e reconhecimento de suas reivindicações, por parte de grupos e movimentos. Para isso, foram gradativamente se inserindo no universo virtual na busca por visibilidade e igualdade.

Atualmente, as plataformas digitais como blogs, canais no *youtube*, páginas e grupos no *facebook*, sites, dentre outros, tem criado uma rede de informações muito ampla, pois possibilitam que mulheres negras compartilhem suas experiências e especificidades, denunciando o racismo e o machismo vigente na sociedade

O uso das plataformas da internet possibilitou às feministas negras, a produção e divulgação de conteúdos com maior facilidade e amplitude na rede. Assim, passaram a auxiliar na construção de “novas narrativas que, quando compartilhadas e ampliadas pela rede, fortalecem outras mulheres a assumir sua própria história.” (RIBEIRO, 2017 *apud* ROCHA, 2016 p.28).

Os instrumentos de comunicação servem como forma de organização e resistência da luta negra, uma vez que permitem com que esse público: se posicione frente aos acontecimentos atuais, exponha suas demandas, aproxime as pessoas de suas discussões, fomente debates e rompa com o silenciamento e invisibilidade que lhe foi imposto durante tantos anos.

Black women and virtual space: new possibilities for performance and resistance

ABSTRACT

The black feminist movement has gone through the years, through various transformations, reaching new forms of performance and resistance in contemporary times. Some of the tools of extreme importance that contributed to the advances achieved so far were the use of the Internet and social networks. The results obtained in this research demonstrated that the digital platforms have created a very wide information network, allowing the users to share experiences, and with this, has helped the process of visibility of social movements, among them the black feminist movement. The contributions that underpinned our reflections were references that deal with the subject matter. Our study aimed to promote reflections, especially the academic community, which has a privileged space of visibility for minorities and present new possibilities for action and resistance of black women in virtual space. It aimed to highlight the potential of the Internet as an alliance for digital activism and to encourage its use more and more in the fight for respect for individual differences and human dignity.

KEYWORDS: Black women. Virtual space. Black feminism. Visibility.

Mujeres negras y el espacio virtual: nuevas posibilidades de actuaciones y resistencia

RESUMEN

El movimiento feminista negro pasó a lo largo de los años, por diversas transformaciones, alcanzando nuevas formas de actuaciones y de resistencia en la contemporaneidad. Algunas de las herramientas de extrema importancia que contribuyeron a los avances conquistados hasta entonces, fueron el uso de Internet y de las redes sociales. Los resultados obtenidos en esta investigación demostraron que las plataformas digitales han creado una red de información muy amplia, permitiendo a los usuarios compartir sus vivencias, y con ello, ha ayudado el proceso de visibilidad de los movimientos sociales, entre ellos, el movimiento feminista negro. Los aportes que basaron nuestras reflexiones fueron referenciales que versan sobre la temática elaborada. Nuestro estudio pretendió promover reflexiones, en especial a la comunidad académica, la cual posee espacio privilegiado de visibilidad a las minorías y presentar nuevas posibilidades de actuaciones y resistencia de las mujeres negras en el espacio virtual. Pretendía destacar la potencialidad de Internet mientras está aliada para el activismo digital y alentar cada vez más su uso en la lucha por respeto a las diferencias individuales y dignidad humana.

PALABRAS CLAVE: Mujeres negras. Espacio virtual. Femenino negro. Visibilidad.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. blogueirasnegras.org. **Blogueiras Negras**, 2016. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2016/10/20/internet-como-um-apendice-da-resistencia-negra/>> Acesso em: 18 jan. 2019.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. **Estud.av** [online], Vol. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf>> Acesso em: 21 de mai de 2019.

COELHO, Mayara P. Vozes que ecoam: feminismo e mídias sociais. **Pesquisas e práticas psicossociais**, São João del-Rei, v. 11, n. 1, p. 214-224, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 22 de fev. de 2019.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em: 21 de maio de 2019.

HENNING, Carlos. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Revista de Gênero**, Londrina, v. 20 nº 2, p. 97-128, jul/dez 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22900>> Acesso em: 17 de fev. 2019.

LIMA, Dulcilei da Conceição. Interseccionalidade e ciberativismo: feminismo negro e TIC. In: XI Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1491323274_A_RQUIVO_Dulcilei-C-Lima_Interseccionalidade-genero-raca-e-TIC_revisado\(2\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1491323274_A_RQUIVO_Dulcilei-C-Lima_Interseccionalidade-genero-raca-e-TIC_revisado(2).pdf)> Acesso em: 22 de jan. de 2019.

LE MOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminismo em redes eletrônicas**. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2009. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/5260/1/Marina%20Gazire%20Lemos.pdf>> Acesso em: 17 de jan. de 2019.

MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. In: Dossiê Mulheres Negras: experiências, vivências e ativismos. **Revista Gênero**, Niterói, v. 16, n. 2, p. 55-69, 1º sem. 2016. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/811>> Acesso em: 19 jan. 2019.

MARTINEZ, Fabiana Jordão. O Conhecimento Feminista Na Era Digital: Grupos De Discussão Do Facebook Como Uma Nova Epistemologia Do Conhecimento. In: XI Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Anais...**, Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em:

<http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1520948963_ARQ_UIVO_ST037-Oconhecimentofeministanaeradigital-FabianaJordaoMartinez.pdf>
Acesso em: 23 de jan. de 2019.

MOURA, Mayra de Paula Bispo, RODRIGUES, Sara Veloso, GODINHO, Victoria Pinho e. Mulheres Negras no Brasil: trajetória de luta no movimento negro e no movimento feminista. In: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades II. **Anais...**, Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.aninter.com.br/ANAIS%20II%20Coninter/artigos/52.pdf>>
Acesso em: 17 de jan. de 2019.

OLIVEIRA, Laila Thaíse Batista de. Narrativas em rede: O feminismo negro nas redes sociais. In: I Seminário Nacional de Sociologia da UFS. **Anais...**, Aracajú, 27 a 29 de abril de 2016. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/view/6080/5093>> Acesso em: 17 de jan. de 2019.

PINTO, Gabriela Rousani; OLIVEIRA, Rafael Santos de; SILVA, Fernando dos Santos Rodrigues. 'Preta e acadêmica': a resistência da mulher negra contra o encarceramento em massa a partir da prática do ciberfeminismo. In: 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: Mídias e Direitos da Sociedade em Rede. **Anais...**, Santa Maria, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/3-9.pdf>> Acesso em: 24 de jan. de 2019.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. Sur: **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, p. 99- 104, 2016. Disponível em: <<http://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>> Acesso em: 19 de jan. de 2019.

ROCHA, Thalita Souza. **Mulheres negras e internet: do racismo ao ativismo**. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito), Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/17900/1/2017_ThalitaSouzaRocha_tcc.pdf> Acesso em: 18 de jan. de 2019.

TARDIVO, Jéssica Aline; BIZELLI, José Luís. **Cibercultura: a internet como meio de comunicação e sociabilidade contemporânea**. UNESP. São Paulo, p. 10. 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279718646_Cibercultura_a_internet_como_meio_de_comunicacao_e_sociabilidade_contemporanea> Acesso em: 19 de jan. de 2019.

Recebido: 25/01/2109.

Aprovado: 20/06/2019.

DOI: 10.3895/cgt.v12n40.9429.

Como citar:

FERNADES, Nathaly Cristina. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuações e resistência. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.12, n. 40, p. 132-142, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nathaly Cristina Fernandes

Av. Tancredo Neves, 300, apto 04, Jandaia do Sul, Paraná, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

